



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

BRENDA DE JESUS MARTINS SOARES SILVA

**RACISMO EM TRAJETÓRIAS DE VIDA E OS ENCONTROS COM UMA
ESTUDANTE DE TERAPIA OCUPACIONAL NEGRA**

Brasília - DF

2023



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

BRENDA DE JESUS MARTINS SOARES SILVA

**RACISMO EM TRAJETÓRIAS DE VIDA E OS ENCONTROS COM UMA
ESTUDANTE DE TERAPIA OCUPACIONAL NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de
Ceilândia como requisito parcial para obtenção
do título de Bacharel em Terapia Ocupacional

Professor Orientador: Prof. Dr. Magno Nunes
Farias

Brasília – DF

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Força Superior que existe em suas infindáveis formas, simbologias e presença, que me manteve firme até o final.

Agradeço à minha família, que comemorou minha entrada na Universidade e abraçou esse sonho coletivo.

Agradeço à Kauanny, Ludmila e Maria Luiza, que tornaram essa trajetória inesquecível e me fortaleceram durante toda a graduação. Vocês me complementam na vida pessoal e profissional.

Agradeço à todas as pessoas negras que me ascenderam até aqui. Ao meu avô paterno que mesmo não estando nesse plano, me fortaleceu espiritualmente a continuar no meu propósito.

Agradeço ao meu orientador Dr. Magno, que foi chave essencial na construção deste trabalho, que me acolheu e que me recordou o porquê escolhi a Terapia Ocupacional.

Agradeço a mim, pelo esforço, pela dedicação, pelo autoconhecimento e por tudo que aprendi e pude expressar escrevendo este trabalho significativo e indescritível.

EPÍGRAFE

“A memória é uma teoria do esquecimento.”

(Grada Kilomba)

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo compreender como o racismo influencia na prática da terapia ocupacional, tendo como metodologia a sistematização de relatos e a “escrivência”, que juntas partilham a evidência de experiências e seus reflexos nos processos coletivos, promovendo discussões e aprendizagens importantes para a promoção social. A partir de três relatos de intervenções terapêutico-ocupacionais, todas vivenciadas em Brasília. Sendo o primeiro, uma criança negra de 8 anos com Transtorno do Espectro Autista, em um contexto de clínica privada voltada para a média complexidade. O segundo, um adolescente negro de 17 anos em um Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (contexto público), sendo uma unidade que compõe a Rede de Atenção Psicossocial. E o terceiro, um adulto negro de 22 anos, em um contexto de clínica privada psiquiátrica especializada em saúde mental. Por meio deles, discute-se os efeitos e a sutileza do racismo cotidiano, com o objetivo de compreender suas consequências na construção da identidade negra, seu impacto na autoestima, na participação social, na emancipação e como se concede no processo de identificação e na relação terapêutico-ocupacional. Como resultado, ressalva-se a intervenção da terapia ocupacional como potencializadora da identidade, da justiça social, da promoção de saúde e da produção de uma educação e consciência antirracista, em que se compreende o contexto do sujeito como fator importante do adoecimento, mas principalmente, como meio de ressignificar o cuidado, o empoderamento e o existir.

Palavras-chave: terapia ocupacional; relações étnico-raciais; racismo.

ABSTRACT

This work aims to understand how racism influences the practice of Occupational Therapy, using as a methodology the systematization of reports and "writing", thoughts about share the disclosure of experiences and their reflections in collective processes, promoting discussions and important lessons for social promotion. From three reports of therapeutic-occupational interventions, all experienced in Brasilia. The first being an 8-year-old black child with Autistic Spectrum Disorder, in a private clinic context focused on medium complexity. The second, a 17-year-old black teenager in a Psychosocial Care Center for Children and Adolescents (public context), being a unit that makes up the Psychosocial Care Network. And the third, a 22-year-old black adult, in the context of a private psychiatric clinic specializing in mental health. Through them, the effects and subtlety of everyday racism are then discussed, in order to understand its consequences in the construction of black identity, its impact on self-esteem, on participation social, emancipation and how it is granted in the identification process and in the therapeutic-occupational relationship. As a result, the intervention of occupational therapy is highlighted as a potential for identity, social justice, health promotion and the production of an anti-racist professional education and awareness, in which the subject's context is understood as an important factor in the illness, but mainly, as a means of re-signifying care, empowerment and existence.

Key words: occupational therapy; ethnic-racial relations; racism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1	
1.2 POSICIONAMENTO DA PESQUISADORA	8
1.3 PERGUNTA DE PESQUISA	13
2 OBJETIVOS	13
2.1 OBJETIVO GERAL	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3 METODOLOGIA	14
4 RELATOS	16
4.1 RELATO M.	16
4.2 RELATO I.	17
4.3 RELATO P.	19
5 ANÁLISE DE DADOS	22
5.1 RACISMO NAS TRAJETÓRIAS E OS ENCONTROS COM UMA TERAPEUTA OCUPACIONAL NEGRA	22
6 CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISADORA

Eu, pesquisadora do presente trabalho, enquanto mulher, negra e nordestina, diariamente sou perpassada por olhares, julgamentos, preconceitos, e outras diversas formas de opressão. Durante minha vida, me vi projetada em um lugar onde a sociedade impôs que fosse meu, lugar esse que eu não escolhi, que não me identifico e principalmente, que renomeei como lugar de defesa. Foi nesse lugar que tive reflexões e que me incentivou na busca por compreender, o porquê vivo situações que me tiram o poder expressivo de ser meu corpo, minha pele, meu cabelo, meus traços e minha identidade de gênero. É processo interno e externo, ressignificar minha existência nesse século e produzir lugar de fala há quem também se identifica com minha passagem, com a de meus ancestrais e com os nossos descendentes.

Assim, sendo uma terapeuta ocupacional negra, são muitas as vertentes que permeiam no fazer profissional. Surgem reflexões e pensamentos em cada atendimento realizado, buscando compreender o contexto do sujeito (principalmente negro) e, assim, automaticamente me vem memórias e pensamentos das experiências que vivi antes da minha formação acadêmica. Lugar esse que acessei na Universidade pública por meio de muitas abdições e com a inserção pela cota social (PPI), que me possibilitou ser a primeira da família a ingressar no Ensino Superior, na reconhecida e renomada Universidade de Brasília (UnB). Ainda assim, renunciei ao meu emprego como Jovem Aprendiz para conseguir cursar e vivenciar a grade horária diurna do curso.

Durante as experiências vivenciadas ao decorrer do curso, estágio obrigatório e não obrigatório, tornou-se recorrente o perfil da maior parte dos pacientes em que me encontrei e pude intervir. Em muitos momentos, fui escolhida enquanto profissional de referência pelos traços que carrego no corpo. Essa experiência é explicada por Santos (2019, p. 10), “Quando um indivíduo negro procura um profissional também negro, acredito que o faz por identificação, julgando que o profissional, negro assim como ele, saberá ouvir e acolher melhor a sua queixa, do que um profissional branco”. Em todas as situações que serão abordadas nesse trabalho, me vi em um lugar profissional de extrema identificação e alteridade. Enquanto terapeuta ocupacional, compreendi ainda mais a necessidade da atuação centrada como potencializador da identidade, compreendendo o contexto histórico, evidenciando as potencialidades e ressignificando o sofrimento (SANTOS, 2019).

Não pude ignorar as memórias de infância, quando meu cabelo era motivo de piadas, risadas, tentativas falhas de “abaixar o volume”, onde minha inteligência era colocada como inexistente e em que minha única amiga era outra criança negra, que sofria as mesmas ações racistas que eu, de forma ainda mais intensa pelo seu tom de pele mais escuro. Não pude desvencilhar dos momentos em que ao me entender como mulher negra na adolescência, mesmo compreendendo minhas potencialidades, ainda era difícil receber os olhares ao meu corpo, a minha expressão por meios dos acessórios e da formação da minha autoestima tardia. Não pude me esquecer de quando entrei na Universidade, já entrando na vida adulta, as questões relacionadas a minha saúde mental que muitas vezes, me sabotaram a desistir, quando eu não tinha suporte familiar, não encontrava organização mental e emocional para concluir, mas que persisti, por expectativas de uma vida melhor e na busca por aprovação social. E é entre terapeuta e paciente, que a “teoria e a vivência se completam e uma não teria o mesmo sentido sem a outra” (ANDRÉA, 2006, p. 56).

1.2 POSICIONAMENTO DA PESQUISADORA

É de importância nesse trabalho, a compreensão do racismo cotidiano (estrutural), que reflete no corpo negro desde o nascimento até sua morte, e a busca pelo olhar antirracista. O racismo coloca o corpo negro no lugar de “outro”, que nega a existência humana e racial como igual, mistificando, infantilizando, animalizando, sexualizando e produzindo muitas outras formas de exclusão, que diariamente violentam a experiência de vida negra como sujeito social. É por essa visão que se invalida o posicionamento do sujeito negro e se afirmam posições hierárquicas que escolhem quem pode algo e quem não (KILOMBA, 2019).

O racismo é um mecanismo inteligente e excludente, que interfere diretamente e indiretamente na vida, nas escolhas e no existir de pessoas negras. O Brasil é contextualizado e estruturado com o objetivo de uma minoria autoritária limitar e silenciar a existência do povo negro, sendo esses, detentores de maior poder político, econômico e social, como afirmado por Moura (1988):

A herança da escravidão que muitos sociólogos dizem estar no negro, ao contrário, está nas classes dominantes que criam valores discriminatórios através dos quais consegue barrar, nos níveis econômico, social, cultural e existencial a emergência de uma consciência crítica negra capaz de elaborar uma proposta de nova ordenação

social e de estabelecer uma verdadeira democracia racial no Brasil. (MOURA, 1988, p. 70).

O Movimento Negro foi muito importante para a educação sobre as relações étnico-raciais¹ e sua vitória na Lei 10.639/03 e no Parecer CNE/CP 003/04, que estabelece: “[...] a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade, justa, igual, equânime” (BRASIL, 2004, p. 6). Esse processo legal foi um ganho fundamental, tendo em vista o processo de miscigenação no Brasil e a opressão conjunta a política de branqueamento, que complexifica da dinâmica étnico-racial do país.

Os processos de inferiorização perpassam a existência da pessoa negra de maneira profunda, e podem ser identificados, principalmente, na dificuldade de se construir uma identidade negra e nas estruturas de exclusão gerados pela dinâmica social (FARIAS, 2018). Assim, com o objetivo de conscientizar e evitar o racismo, etnocentrismo, discriminação, privilégios e lutar pelos direitos e cidadania igualitários, ressalta-se a necessidade da educação acerca das relações étnico-raciais para o ensinamento sobre a história e cultura Afro-brasileira e Africana, como caminho institucional ou não para gerar processos coletivos de maior justiça social.

Segundo Reis (2008) e Barros (2004), por meio de debates e produções de conhecimentos e práticas sobre as dinâmicas sociais, surgiu-se o campo da terapia ocupacional social, sendo este a descentralização da profissão no eixo saúde-doença, mas como potência para compreender posições e papéis sociais que são diretamente influenciados pelo contexto histórico-cultural do país. Aliando-se a transdisciplinaridade, dialogando com campos de conhecimento que favoreçam a compreensão das interações grupais, com a finalidade de fortalecer lutas sociais e garantir acesso a direitos fundamentais. Sua tecnologia se consolida em autores referenciais nas relações sociais e na educação, enriquecendo-se de conceitos para concernir o indivíduo no meio social, incorporando intervenções tanto no meio singular como no coletivo, sendo esse elo complementar e essencial para o combate às

¹O termo “étnico-racial” traz a compreensão que engloba vários fatores para compreender a dinâmica racial no Brasil, como: cor da pele, fenótipo, ancestralidade, naturalidade (origem), classe social, cultural e outros. Por meio da PCERP (Pesquisa das Características Étnico-Raciais da População) em 2008, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) utilizou e ainda utiliza, cinco categorias para classificação por cor ou raça da população em suas pesquisas. Sendo elas divididas em: branca, preta, amarela, parda e indígena. Por meio delas, categoriza-se a população em termos étnico-raciais, produzindo dados que evidenciam a desigualdade social, racial e econômica (IBGE, 2008).

desigualdades, opressão e na conscientização social, dando possibilidade, inclusive de compreender de forma importante a dinâmica étnico-racial (FARIAS; LEITE JUNIOR; AMORIM, 2020). Afirma Reis:

A Terapia Ocupacional, ao desenvolver uma abordagem social, preconiza que os técnicos não devam chegar a esse campo como “colonizadores”, do alto de um pretense poder e saber técnico-científico, definindo unilateralmente “as” formas adequadas de enfrentamento dos conflitos presentes. É importante ressaltar que, antes dos profissionais se voltarem para o chamado campo social, grupos e populações já lidavam com seus dilemas cotidianos (REIS, 2008, p. 57).

Barros, Ghirardi e Lopes (2002), enfatizam que se trata da problematização entre a terapia ocupacional e a dinâmica social e cultural em que está inserida, onde princípios metodológicos serão a partida para uma prática que traga reflexão e compreensão da realidade, da história e da vida do sujeito dentro de seu contexto. Seu campo pode abranger a saúde, a educação e a esfera social.

Considerando que a produção prática histórica da terapia ocupacional, visam trabalhar com os diversos contextos, simbólicos ou não do sujeito, é de relevância o debate social e estratégias para evitar desigualdades e exclusão política social. A terapia ocupacional em sua atuação com o público negro, têm papel principal na observação das transversalidades que perpassam em sua intervenção e as demandas sociais que refletem na participação social, empoderamento, autonomia e promoção de qualidade de vida e saúde. Sendo assim, influenciando na autoestima, na confiança, na aceitação de si mesmo e potencializando habilidades, resultando na autonomia e no bem-estar pessoal e social. Pensando, à exemplo, na infância, Pastore (2021, p. 4) coloca que: “Falar sobre infâncias e crianças também na terapia ocupacional é estar em diálogo constante com suas histórias, contextos, culturas, questões socioeconômicas, raciais, de gênero e geracional”.

Em uma revisão narrativa realizada para compreender a terapia ocupacional social e sua produção dentro do tema das relações étnico-raciais, é nítido a falta de estudos relacionados a população negra, especificamente. Sendo a terapia ocupacional social um campo de pensamento crítico e problemático, encontra-se uma lacuna quanto à realidade histórica e acontecimentos no Brasil que circundam a população negra, invisibilizando esse público dentro da área e expressando a carência de produção científica. Mesmo com documentos oficiais que ao decorrer da construção da formação acadêmica no âmbito mundial, evidenciem que seja elencado as contrariedades de grupos sociais, ainda se faz

necessário o enfoque de forma não generalizada à população negra e suas problemáticas. (FARIAS; LEITE JUNIOR; AMORIM, 2020). Farias, Leite Junior e Amorim (2020, p. 243) afirmam que perceber as armadilhas do racismo estrutural

[...] nas tramas da formação profissional é essencial para que possamos repensar nossos documentos orientadores e avançarmos na construção de uma educação profissional emancipatória e que mire a justiça social.

Importantes estudos, como esse, mesmo que em quantidade escassa, estão sendo produzidos e referenciados para motivar o enfoque na população negra, trazendo resultados e discussões pertinentes para a prática da terapia ocupacional. Por exemplo, a ausência de uma formação voltada para essas temáticas poderia negligenciar essa dimensão de cuidado nas experiências aqui descritas. M., I. e P. poderiam se beneficiar da construção de suas autoestimas de forma menos traumática, mais identificatória e potente para seus processos de autoconhecimento e enfrentamento ao mundo se tivessem mais profissionais sensíveis as suas questões sobre etnia e raça.

Surgiu-se, então, a partir disso, três experiências pontuais que cruzam as questões étnico-racial e a práxis da terapia ocupacional, para a produção desse trabalho, sendo elas divididas nas seguintes fases da vida: infância, adolescência e vida adulta. Devido a historicidade do Brasil, debater sobre as relações étnico-raciais e suas lacunas na sociedade é de suma importância, principalmente na fase da infância, onde são formados o desenvolvimento pessoal e social que refletirão ao longo da vida.

Pouco se discute sobre a potencialidade da infância e sua importância na formação social e mundial, capazes de ressignificar culturas e projetarem olhares futuros por meio do brincar, onde a imaginação é provedora da realidade, da reflexão, da expressão e principalmente, da curiosidade e da discussão acerca de questões raciais no Brasil, um país miscigenado, onde só no Distrito Federal apresenta 57,6% de sua população como autodeclarada negra (PDAD, 2018), mas que ainda nos dias atuais, luta para garantir a igualdade e a equidade de sua população. Questões essas que na infância são aprendidas e repassadas durante todo o seu desenvolvimento, evidenciando ainda mais a importância de intervenções que combatam o racismo em suas diversas formas.

Segundo Diane, Andrea, Paulo e Erika (2014, p. 12), na adolescência marcam-se processos de mudanças físicas, emocionais e principalmente, identitária. O pertencimento nessa fase é a busca principal dos adolescentes. Sendo afetados por sofrimentos psíquicos nas

relações sociais e seu isolamento, na discriminação, no desempenho ocupacional e outras dificuldades ou impossibilidades.

Assim como na vida adulta e em todas as outras fases do desenvolvimento humano, quando a vida cotidiana do sujeito está afetada, seja pela opressão, pela vulnerabilidade social, é de relevância profissional, abordar a antiopressão, a promoção da inserção social, para alcançar a verdadeira liberdade transformadora de injustiças e da negação do protagonismo enquanto ser humano (FARIAS; LOPES, 2022).

1.3 PERGUNTA DE PESQUISA

Como as relações étnico-raciais influenciam no raciocínio profissional da terapia ocupacional?

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Discutir como as relações étnico-raciais influenciam no raciocínio profissional da terapia ocupacional.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever e analisar três experiências com o público infantil, juvenil e adulto, concomitante ao racismo e seus atravessamentos;
- Entender como o racismo interfere no cotidiano da população negra;
- Compreender como a atuação de uma terapeuta ocupacional negra, pode interferir na prática antirracista; e
- Discutir o racismo nas práticas da terapia ocupacional com a população negra, as maiores dificuldades e potencialidades dessa intervenção.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada está em consonância com a Sistematização de Experiências, método desenvolvido por Oscar Jara Holliday. Tal ferramenta tem como objetivo abordar experiências da realidade histórico-social capazes de fomentar reflexões críticas e produção de aprendizagem, que necessita registrar processos vividos para produzir diálogo, interpretação teórica e sendo um meio de transformação pela reconstrução de experiências, compartilhando aprendizados e sendo referenciais na criação de políticas públicas (KIEL; ASCHER, 2006). Como traz Oscar (2018), a reflexão teórica dessa metodologia é de forma ainda mais profunda do que apenas resgatar processos vividos:

Não se trata tanto de olhar para trás, de se apropriar do que aconteceu no passado, mas principalmente para recuperar da experiência vivida os elementos críticos que nos permitem direcionar melhor nossa ação para torná-la transformadora, tanto da realidade que nos cerca, como transformador de nós mesmos como pessoas. [...] Ou seja: sistematizar as experiências para construir novos conhecimentos, sensibilidades e capacidades que nos permitem... apropriar-nos do futuro. (HOLLIDAY, 2018, p. 24).

De acordo com Holliday (2006), as experiências são vitais e inéditas, são processos que partilham juntamente com a prática social, mas de forma complexa por acumular múltiplos elementos: condições de contexto, relações e reações, ações, resultados e outros que geram aprendizagem e enfatizam a importância de passá-los adiante e compartilhar uma educação popular e a promoção social. Assim, evidencia-se o poder da sistematização como produtor relevante de discussões, trocas de saberes, aprendizados e abra-se o caminho para a prática da terapia ocupacional e todo seu âmbito profissional.

Seguindo tal sistematização, o estudo tratará de três experiências em Terapia Ocupacional na média complexidade na infância, terapia ocupacional na saúde mental infanto-juvenil e terapia ocupacional na saúde mental adulto. Com foco na população negra, se considerará as relações étnico-raciais como centro do processo vivido, com o objetivo de fomentar debates e a produção crítica acerca da prática e dos reflexos experienciados como futura profissional, visando agregar à profissão nas práticas antirracistas e recordar a importância do conhecimento e do olhar ampliado e contextualizado na intervenção com esse público.

Para tanto, serão utilizados cinco tempos estabelecidos por Holliday (2018) na ordem de planejamento para a sistematização das experiências aqui relatadas, sendo eles: 1) o ponto de partida: ter vivido uma experiência; 2) formular um plano: definir perguntas e

objetivos; 3) recuperar/reconstruir o processo vivido: classificar informações; 4) reflexão de fundo: análise, interpretação crítica, síntese, aprendizagem do processo; e 5) o ponto de chegada: conclusões, recomendações, comunicar aprendizados e propostas.

Complementando a metodologia e o embasamento, será utilizado como ferramenta a escritivência, conceito este idealizado por Conceição Evaristo, explicado por Soares e Machado (2017, p. 206) como escrita por meio do “contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista.” Por meio da história singular, recupera-se a vivência e a memória de um cotidiano compartilhado por marcadores sociais, mesmo que vivenciados de formas distintas, torna-se uma expressão de resistência e resgate ao protagonismo da própria identidade negra (SOARES; MACHADO, 2017).

Ademais, toma-se como referencial teórico-metodológico da terapia ocupacional social, tendo em vista seu lugar importante para interrogar as dimensões sociais que perpassam as dinâmicas e contradições da sociedade marcada pelas lógicas de opressão (BARROS; GHIRARDI; LOPES, 2002; BARROS, 2004).

As experiências aconteceram no Distrito Federal, e foram utilizadas receitando todos os preceitos éticos para resguardar os indivíduos envolvidos nas experiências. Não serão utilizados os nomes dos sujeitos ou das instituições, focalizando na experiência em sua dimensão qualitativa no sentido de dar contorno no debate sobre terapia ocupacional e relações étnico-raciais.

4 RELATOS

4.1 RELATO M.

Na minha primeira experiência em um Estágio não Obrigatório, ainda no 6º semestre, conheci em uma clínica de Média Complexidade em Brasília - Distrito Federal, para tratamento do Transtorno do Espectro Autista, Síndrome de Down e outros transtornos globais do neurodesenvolvimento, o M. Estive no serviço por 3 meses no ano de 2021. Os atendimentos nesse serviço, eram divididos em 30 minutos durante um período (manhã ou tarde), com intervalo para lanche. Apesar de serem atendimentos individuais, as crianças partilhavam do mesmo espaço, cada uma com um terapeuta, porém utilizando o ambiente conjuntamente. Acontecia na seguinte ordem: 30 minutos na sessão de terapia ocupacional, 30 minutos na sessão de psicopedagogia, lanche, 30 minutos na sessão de fonoaudiologia e 30 minutos na sessão de psicologia.

Uma criança negra de 8 anos de idade, diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Inicialmente, M. era acompanhado por outra estagiária de Terapia Ocupacional, mas esta estava viajando e fiquei responsável por acompanhá-lo nos atendimentos. Assim que conheci M., percebi seu cabelo crespo em formato Black Power, lindo e volumoso. Quando me sentei ao seu lado, assim ele também o fez, direcionou o olhar para o meu cabelo e perguntou meu nome. Nos apresentamos e criamos um vínculo instantaneamente, onde M. pediu para permanecer sendo atendido por mim, mesmo quando a outra profissional de referência havia voltado. Nos encontrávamos 2 vezes por semana, sempre comigo e ocasionalmente, a fim de trabalhar a interação social, éramos acompanhados pela estagiária que já o conhecia. Quando ele estava com as profissionais de outras áreas da saúde (majoritariamente brancas), M. pedia para ir para a minha sala e que gostaria de ficar com a Tia Brenda.

Até que um dia, cerca de 2 meses após o dia que o conheci, M. chegou na sala de atendimento com o olhar triste, ombros caídos e desinteresse pela atividade que eu havia planejado. Iniciei então o diálogo, perguntando como ele estava se sentindo e se teria acontecido algo atípico em sua rotina. Trouxe então um relato, que delatou apenas para mim com detalhes. M. falou que estava triste, pois na sua escola não tinha amigos, que se afastavam dele por possuir algumas limitações e por sua aparência. Era sempre trabalhado sua interação social, ele apresentou melhoras nos diálogos com a turma, mas ainda assim, não se sentia pertencente a nenhum grupo.

De frente a isso, o acolhi, realcei sua beleza, sua inteligência, sua presença e importância. Logo, comuniquei à minha preceptora, que se espantou e disse que M. não havia trazido antes esse relato, ou qualquer outra questão relacionada a escola. Mobilizou-se então os outros profissionais que atendiam ele, onde foi relatado da mesma forma que a confiança para tal diálogo, foi direcionada apenas para mim.

As estratégias que utilizei foram por meio do brincar, onde de forma lúdica, pude acessar diálogos e interesses do M., com atividades escolhidas por ele e adaptadas para os fins que buscávamos alcançar juntos. Por exemplo: Um dia ele pediu para desenhar, utilizamos lápis de cor, tinta, tesoura, papéis coloridos e glitter, onde M. realizou um autorretrato e pudemos destacar o seu cabelo, a sua cor de pele, nomes de marcas que ele gostava de comida, carros etc. Assim, abrimos um diálogo sobre como ele gostava de se vestir, de ser visto, os lugares que se sentia confortável e assim por diante. Além de alcançarmos os objetivos traçados em sua avaliação, como a motricidade fina, a atenção, a imaginação e outros.

Infelizmente, o acompanhei apenas por mais 1 mês, onde dei continuidade ao aprimoramento de suas habilidades motoras, juntamente com a construção de sua identidade, realçando suas potencialidades e autoestima, dando-se continuidade pelas outras profissionais que permaneceram no serviço após minha saída, onde orientei sobre a importância do conhecimento antirracista necessário em suas intervenções.

4.2 RELATO I.

No 1º Estágio Obrigatório do meu curso, no 7º semestre, em um Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil localizado em Brasília - Distrito Federal, fui inserida como profissional, em um grupo aberto de adolescentes que acontecia uma vez por semana, sempre no turno vespertino, com faixa etária de 13 à 17 anos. O acompanhei por 4 meses no ano de 2022. Os atendimentos nesse serviço eram em grupos, divididos por faixa etárias e demandas. Especificamente este, acontecia no dia informado, com acesso livre à novos adolescentes que fossem sendo acolhidos e direcionados ao grupo, não excedendo uma quantidade que atrapalhasse o processo terapêutico do grupo. Tinha duração de 50 minutos, seguido na finalização por um momento de lanche coletivo e sempre acompanhado por pelo menos dois ou três profissionais de áreas diferentes.

Quando entrei pela primeira vez no atendimento em grupo, as profissionais de referência estavam planejando a organização da Festa Junina que aconteceria no serviço, junto

com os adolescentes. Então, dividiu-se em 2 grupos: o que dançaria a quadrilha e o outro para confecção das bandeirolas que enfeitariam a festa.

O adolescente escolheu o grupo da dança, e pediu para que eu os acompanhasse. Em seguida, foi solicitado pela profissional de referência que todos os adolescentes se apresentassem e que eu fizesse o mesmo. I. relatou ter 17 anos, que havia procurado o serviço por ter muitas crises de ansiedade, baixa autoestima, automutilação e pensamentos depressivos, mas que se encontrava melhor em alguns aspectos, exceto em relação ao seu corpo e autoestima.

Caminhamos para o espaço externo do serviço, onde tínhamos mais espaço para ensaiar os passos da dança. Foi solicitado pela profissional de referências que cada adolescente escolhesse seu par. I. sem pensar duas vezes, ergueu a mão em minha direção e me convidou para ser seu par. Assim que me encontrei ao seu lado, I. disse ter gostado do meu cabelo e de como eu o amarrei com um lenço ao redor (turbante), e que havia se identificado comigo. Fomos conversando sobre diversos assuntos durante o ensaio, a fim de criar um vínculo maior. No final do atendimento, I. relatou que havia gostado de ter “desabafado” comigo, onde ele disse achar lindo a forma como me visto e me apresento, mas que ele ainda não se sentia seguro assim, desde a sua infância, não se sentia confortável no próprio corpo e que ficava dias sem comer para emagrecer.

Não me encontrei mais com I., pois fui remanejada para o grupo de segunda-feira. Coincidência essa que após algumas semanas do meu início de acompanhamento, I. foi encaminhado do grupo que frequentava na terça pela manhã, para esse outro grupo que acontecia no turno vespertino. Pois, ele relatou que a mãe estaria trabalhando pela manhã e só poderia levá-lo ao serviço no horário da tarde. As estratégias que utilizei juntamente com as profissionais referentes do grupo, traziam bastantes diálogos e um espaço de escuta, onde quem se sentisse confortável, poderia ter um momento para se abrir um pouco mais e se identificar com os outros colegas. Por exemplo: uma das atividades que fizemos, foi utilizar um jogo de cartas para adolescentes, onde cada carta tinha uma pergunta sobre diversos temas. I. pegou uma carta onde estava escrito: “Se o diretor da sua escola te chamasse na diretoria pelo microfone durante o intervalo, como se sentiria em frente aos seus colegas?”. I. então abriu o diálogo, expressando que se sentiria vergonhoso, pois provavelmente com outros colegas da escola, isso não aconteceria. Pois ele sentia que estava sempre em meio aos problemas e situações chatas que aconteciam, mesmo não estando. Se sentia cobrado em tirar boas notas, em estudar para o vestibular e outros colegas do grupo, foram relatando situações

parecidas e em como os diretores se suas escolas não entendiam seus processos de ansiedade, autocobrança e autoestima. Foi quando abrimos aos adolescentes, a confecção de um caderno terapêutico, onde toda a produção seria feita por eles mesmo, da forma que quisessem, para que se tornasse assim um meio de encontro consigo mesmo, podendo escrever, relatar, ou desenhar, da forma que escolhessem, se expressar diante de situações do dia a dia que o deixassem tristes, ansiosos, felizes ou o que desejassem.

Assim demos continuidade ao processo terapêutico, abordando assuntos como: a visão de si mesmo x a visão do outro, a criação do caderno terapêutico, diálogos sobre construções sociais e idealizações corporais, assim por diante.

4.3 RELATO P.

Durante a pandemia, em 2021, para recompensar as práticas perdidas ao decorrer da graduação, criou-se a atividade de Prática em Terapia Ocupacional (PTO), onde tive a oportunidade de frequentar uma vez por semana uma Clínica particular humanizada em psiquiatria, localizada em Brasília - Distrito Federal. Eu e os demais estudantes fomos acompanhados pela profissional de Terapia Ocupacional que trabalhava no local, especializada em saúde mental adulto. Estivemos no serviço por 4 meses no ano de 2022. O atendimento nesse serviço era em grupo, em cada sala respectiva (feminina ou masculina), aberto para quem se sentisse à vontade e interessado em participar. Apenas a terapeuta ocupacional direcionava o grupo, acompanhada pelas estagiárias. Em caso de necessidade, ocorriam atendimentos individuais após o grupo, de forma informal, afim de produzir um espaço de acolhimento e escuta ativa.

No primeiro dia, fizemos uma visita ao alojamento masculino de internação da Clínica, onde logo percebi que em sua minoria, eram homens negros com idades variadas. Fizemos uma roda na área de jogos, onde tinha uma mesa grande de madeira no centro, e banquetas de madeira ao redor, onde os pacientes se sentavam. Nesse dia, nos apresentamos e acompanhamos a profissional de Terapia Ocupacional manejando a atividade e o grupo.

Algumas semanas depois, foi nos dada a liberdade de pensar uma atividade e manejarmos o grupo sozinhas, mas acompanhadas em segundo plano da Terapeuta Ocupacional. Foi quando eu e uma colega trouxemos uma atividade que denominamos “Árvore da Vida”, onde cada um dos pacientes desenhava e construía sua própria árvore,

colocando na parte inferior, palavras, frase ou desenhos que associassem seu passado antes da internação, e na copa da árvore, colocaram a projeção que tinham para o futuro.

Ao acompanhar a confecção entre os pacientes, um havia se destacado para mim, pela sua feição tristonha, marcada por insônias, por ser um homem negro que aparentava ter a minha idade, com seu cabelo cacheado solto em meio ao vento, chamando por minha atenção e curiosidade, sobre o que o rodeava e seu processo até sua chegada ali. Me aproximei de P. e percebi que ele havia escrito no tronco da árvore, vários conflitos, desde familiares, amorosos, até a interrupção do seu primeiro semestre do curso de Direito. Ao questioná-lo sobre o que ele colocaria como desejo principal para seu futuro, P. relatou que desejava voltar ao seu curso, que havia almejado e sonhado tanto em realizar, mas que foi interrompido pela depressão e etilismo.

Assim deu-se por confiança de P., uma escuta ativa onde ele relatou toda a sua trajetória até o último momento em que estive na Clínica. Sua mãe o internou de forma involuntária, em fevereiro de 2022, quando apresentou um quadro de ingestão exagerada (doença hepática) e foi levado ao hospital, onde o médico indicou que o internasse, para preservar sua integridade física e mental. Sentia muita raiva e não compreendia a ação da mãe. Relatou que fazia uso de bebida alcoólica desde os 12 anos, devido muitas brigas e desentendimentos familiares, que refletiu diretamente na sua autoestima e no isolamento social. Por meio do álcool, P. disse que isso o fez se enturmar com os colegas do ensino fundamental e o ajudava a esquecer dos problemas emocionais relacionados à sua família, que é muito religiosa e culpavam seus sentimentos como “falta de Deus”.

Uma das estratégias que abordamos com o grupo, em que P. se envolveu bastante, foi a atividade de música, onde pedimos para que cada um escrevesse em um papel, uma música, ou o nome de uma música, de um álbum, de um cantor, ou o que desejassem, que remetesse a um momento de sua vida que estivessem felizes ou com algo/alguém que gostassem. P. escreveu uma música de sua autoria, e ao apresentar para o grupo, pediu para ir a seu quarto buscar seu violão. Cantou e tocou, onde foi possível perceber que um grande amor foi perdido durante seu processo de adoecimento, um amor que o aceitava, que o apoiava e que ele não havia conseguido segurar. Um amor que voou para longe e pediu para pensar. P. queria poder acessar esse amor de novo, mas disse precisar melhorar e entender o que tinha causado sofrimento a esse amor. Perguntamos se era alguém específico, ele disse que sim, mas que também era o amor próprio.

Fomos acompanhando e propondo atividades de reflexão para trabalhar mais o seu senso autocrítico, pois ele ainda tinha dificuldade em compreender e relacionar o uso de álcool com os contextos que ele se encontrava. A alta de P. estava prevista para a próxima semana após nossa despedida.

5 ANÁLISE DE DADOS

5.1 RACISMO NAS TRAJETÓRIAS E OS ENCONTROS COM UMA TERAPEUTA OCUPACIONAL NEGRA

A terapia ocupacional social, de acordo com Barros (2004), é importante para compreender a comunicação de cada grupo social ou comunidade, evidenciando a inter-relação da sociedade-cultura-natureza, objetivando uma intervenção seja baseada na demanda, na observação e na problematização interpretada pelo profissional com os sujeitos e/ou grupos, refletidas em conceitos essenciais, entre eles a cidadania, a identidade e os direitos sociais e humanos. Assim, Denise Dias como pioneira em pesquisas na área, vem incentivando estudos e trabalhos com imigrantes africanos no Brasil, quem busquem compreender modos de vida, políticas públicas, infância, gênero, xenofobia, racismo e outros debates importantes (FARIAS; JUNIOR; AMORIM, 2020, p.240).

No Artigo “Pertencimento e Representação Imagética: A Negritude na Universidade” (ANDRADE, SOUSA, SILVA, 2020), uma docente e quatro alunos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) tiveram a proposta de realizar oficinas semanais, proporcionando um lugar de escuta em âmbitos relacionados ao racismo e machismo cotidianos para estudantes da própria Universidade. O projeto buscou edificar políticas institucionais para que os estudantes, e propor caminhos contrários ao histórico social brasileiro, evidenciando a educação como um transformador social potente. Foram realizados ensaios fotográficos com o objetivo de enaltecer a beleza negra e potencializar a autoestima dos participantes das oficinas, representando seu pertencimento no espaço universitário e a diversidade do mesmo.

As autoras do artigo acima citaram que as atividades humanas na Terapia Ocupacional “são ferramentas para construção destes encontros seguros, acolhedores e de cuidado para os corpos atravessados pelas marcas do neoliberalismo, colonialismo e do heterocispatriarcado” (ANDRADE, SOUSA, SILVA, 2020, p.854). Assim, foi possível atingir por meio da arte fotográfica, o pertencimento, o autoconhecimento, a "busca por equidade, garantia e ampliação dos direitos, cidadania e respeito à população negra brasileira” (ANDRADE, SOUSA, SILVA, 2020, p. 855). Com I., foi possível alcançar o mesmo objetivo em um atendimento específico. Não por meio de fotografia, mas por meio de um jogo de cartas com perguntas, como mediador entre uma discussão em grupo sobre autoimagem e como eram as interações em ambientes diversos. Foram percebidas as diferenças entre um

espaço seguro e sem julgamentos (sessão terapêutica-ocupacional), e um ambiente com pluralidade de pensamentos, de idealizações, diferenças, preconceitos e expectativas (escolar). Discutimos sobre as situações racistas que ele e outros participantes se deparavam diariamente, e sobre como fortalecer sua autoconfiança e autoestima, pontuando a rede de apoio dentro do grupo, mostrando sua capacidade de enfrentar a sociedade, reafirmar sua potencialidade em estar e permanecer nesses contextos.

Pensar sobre as dinâmicas raciais fomentam refletir como historicamente a violência perpassa crianças e adolescentes, e que isso toma outra dimensão quando são sujeitos negros, que atualmente ainda padecem de uma sociedade discriminatória que manifesta a opressão diariamente através do abandono, assassinatos, negligência e outras formas de violência, que precisam ser enfatizados para que o futuro se transforme. Isso fica evidente nas experiências, principalmente de M., uma criança que é arrancada do convívio e da interação social por ser negra, por cada pedaço de seu corpo falar por si só e ser o suficiente para outras crianças sem uma educação antirracista, discriminá-lo. É assustador perceber que apenas em momento de terapia ocupacional, foram relatadas situações dolorosas e violentas vividas por ele. Mais sutil ainda, quando nenhum dos profissionais que atendiam M., sabiam ou se preocuparam em buscar e compreender as relações sociais, os contextos e como isso refletia em seu processo de evolução nos atendimentos e principalmente na sua participação social, ponto este extremamente importante quando se fala sobre Transtorno do Espectro Autista.

Assim, é essencial compreender a infância como um marco na formação intelectual e afetiva, sendo sua autoimagem construída por meio das interações em diversos ciclos sociais que a organiza e formam sua identidade. É nesse momento que se internaliza-se estereótipos do imaginário social racista, idealizando a desvalorização de características étnicas, que esculpe a autodestruição, arrancando o poder pessoal e a autoestima, sendo arrebatador na construção de transtornos emocionais, comportamentais e de pensamentos, que precisam em sua intervenção de representatividade e referencial para empoderar e fortalecer a identidade de crianças negras (FERNANDES, 2018). O “racismo e o racismo institucional aparecem como aspectos que afetam a participação social das pessoas em suas atividades cotidianas” (FARIAS, JUNIOR & AMORIM, 2020, p.242).

É apresentado por Pastore, Jurdi e Silva (2021) no Editorial do Dossiê Temático - Infâncias da Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional, que o olhar da Terapia Ocupacional para o público infantil se embasa:

Ao compreendermos a infância enquanto categoria geracional, estrutural e como construção social, heterogênea e plural, de acordo com a sociedade a qual se insere, seja por razões econômicas, culturais, sociais, políticas, de gênero, entre outras, abrimos o leque de entendimentos também de uma prática que considere a criança como sujeito de direitos e agente participativo de seu processo (PASTORE; JURDI; SILVA, 2021, p. 472).

De acordo com as autoras, os profissionais de terapia ocupacional precisam analisar suas ações e práticas no público infantil com foco em problematizar e pluralizar sua atuação com o olhar sociocultural, para que possam realmente atender por meio da diversidade infantil e suas múltiplas experiências e cenários, enquanto sujeitos e narradores de suas histórias (PASTORE; JURDI; SILVA, 2021).

De acordo com Folha e Della (2021, p. 652), é indispensável para a prática da terapia ocupacional com o público infantil “mencionarmos que os processos de avaliação, intervenção e reavaliação são transversalizados pelo raciocínio clínico.” Quando se olha para crianças negras com Transtorno do Espectro Autista, como no caso de M., descrito nesse trabalho, é de suma importância compreender que por meio do brincar lúdico é possível, além de aprimorar habilidades cognitivas, motoras, interações sociais e questões sensoriais, também ampliar o desenvolvimento humano social e cultural. E através das ocupações, é onde a criança se torna e se encontra pertencente a diferentes grupos sociais, que garante o espaço real do fazer subjetivo no compartilhamento da realidade, principalmente na família, que é seu primeiro referencial de unidade social, seguindo assim, para uma maior participação social crítica e revolucionária.

Crianças e os adolescentes negros, como no período colonial continuam sendo as principais vítimas da violência social em nosso país. Portanto, longe de ser apenas mais um problema social, dentre tantos, a violência contra a criança e o adolescente é uma questão fundamental a ser enfrentada para que se caminhe no sentido da construção de uma sociedade mais democrática, mais justa e igualitária. (CARMARGO, ALVES, QUIRINO, 2005, p. 614).

A partir das experiências descritas no trabalho fica evidente como é de suma importância adquirir conhecimento sobre os impactos do racismo cotidiano na vida e na existência de pessoas negras, sobretudo na dimensão terapêutico-ocupacional, que tem como lugar central para a práxis os múltiplos cotidianos.

Grada Kilomba (2019) descreve o racismo por meio de três características, de como ele se apresenta na sociedade, sendo elas: quando o corpo negro se constrói socialmente

como **diferente** ao branco, quando é ligado de forma hierárquica à **inferioridade** (preconceito) e quando o **poder** histórico, político, social e econômico nega acesso à representação política, mantendo as raízes do racismo, fortes e globais. Essas dinâmicas dão contorno ao conceito de *racismo cotidiano*, que diz da centralidade de acontecimentos que ocorrem diariamente, não sendo pontuais, mas perpetuantes durante toda a vida da pessoa negra, sejam eles por gestos, falas, olhares alheios e discursos persistentes que mantêm o branco longe do reconhecimento em ser o “outro”. É um “padrão histórico de abuso racial que envolve não apenas os horrores da violência racista, mas também as memórias coletivas do trauma colonial” (KILOMBA, 2019, p. 215). Reforça Kilomba (2019):

Ações me colocam como “Outra” quando sou monitorada pela polícia assim que chego a uma estação de trem. Olhares me colocam como “Outra” quando as pessoas olham fixamente para mim. Toda vez que sou colocada como “Outra”, estou experienciando o racismo, porque eu não sou “outra”. Eu sou eu mesma (KILOMBA, 2019, p. 80).

Neste ponto, reflete-se sobre as experiências vividas, em que M., I. e P., mesmo que em fases da vida diferentes, foram atravessados por olhares, comentários, imagens e de forma hierárquica, atingidos em seus meios sociais (educacional, familiar, profissional etc.) e forçados a aceitar e permanecer na inferioridade de ser o “outro”, atingidos de forma profunda na construção de suas identidades, autoestima, nas relações e gravemente em suas existências enquanto corpo negro. Logo, a dor e as frustrações vividas por eles, se originam pelo forte rompimento psíquico, que causa um trauma violento e os afastam do princípio do prazer (COSTA, 2021, p. 34). “O racismo tende a banir da vida psíquica do negro todo o *prazer* e todo o *pensamento de prazer*.” (COSTA, 2021, p. 35, grifos do autor).

Explica Neusa Santos (2021) que assim concretiza-se um mito que idealiza a natureza negra, igualando-a ao macaco, como um animal, irracional, feio, sujo, que o distancia e rejeita como significativo na história social, reduzindo-o ao biológico e negando seu lugar como significativo, sendo este o ponto de partida para sua inserção na memória social. Complementa:

O irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico são as principais figuras representativas do mito negro. Cada uma delas se expressa através de falas características, portadoras de uma mensagem ideológica que busca afirmar a linearidade da “natureza negra” enquanto rejeita a contradição, a política e a história em suas múltiplas determinações (SOUZA, 2021, p. 57).

Isso é reflexo de uma intensa escravidão e dos mecanismos que visam separar o dominador (branco) do dominado (negro). Moura (1988) enfatiza que ao isolar o negro, esse não pode alcançar ou pertencer ao meio social branco, não sendo capaz de “ameaçar” a posição hierárquica e social que possuem. Assim, ele se encontra entre as classes sociais, nas mais inferiores, sejam empregatícias, sociais, culturais etc.

Vê-se todos esses pontos como conjunção da cultura brasileira, que marcam a africanidade que se oculta entre a consciência e sua ausência, que negam o racismo no Brasil pelo conceito de meritocracia e patriotismo perpetuantes nos pensamentos e diversos modos de rejeição e domesticação do negro (GONZALES, 1984). Engrenha-se na história da ascensão social do negro brasileiro, que na realidade é a “história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação.” (SOUZA, 2021, p. 53).

É por esse olhar, que atentamente, deve-se abordar e fincar a prática antirracista a todo momento no campo da terapia ocupacional, pois é também na subjetividade que se reproduzem pensamentos, comportamentos e ações racistas e excludentes.

Ao me encontrar com as três pessoas que foram trazidas nos relatos, de forma afetuosa, meu olhar se deparou com questões partilhadas em minhas vivências e nas deles. Vivências essas que mesmo de formas distintas, se centralizam em um ponto em comum. Atravessaram-me do pessoal, ao profissional e principalmente na minha relação com meus pacientes. Relação essa, profunda e imensurável, que me abriram novos caminhos e a necessidade de permanecer neles. Minha presença enquanto profissional negra, conforta e assegura os pacientes negros a não serem deslegitimados em suas falas e experiências de vida. A consciência racial é o ponto mais importante dessa relação, que se não estiver presente, inviabiliza e precariza a escuta e o atendimento de qualidade, sendo recorrente e estrutural no processo de formação e graduação de profissionais brancos.

Na busca em compreender como uma terapeuta ocupacional negra reverbera na prática antirracista no meio profissional, percebendo a falta e o espaço vazio que se apresenta na formação do curso em aprofundar nas questões étnico-raciais, assim como relata Sofia Martins (2021, p.34-35): “naquele momento, eu havia aprimorado que ser negra ultrapassava a minha consciência individual, mas atingia uma consciência política.” Sendo assim, o terapeuta ocupacional para além do olhar ampliado e senso crítico, necessita mergulhar nos contextos profundos, compreendendo de seguinte forma, acrescenta Martins (2021):

Dominar um panorama ocupacional amplo, teoricamente solidificado no cenário da terapia ocupacional, mas principalmente, a ocupação com amparo à ciência ocupacional. Assim, foi no processo de estar atenta ao modo como as pessoas fazem as suas atividades, que identifiquei a necessidade de contextos estruturantes e opressivos como o racismo (MARTINS, 2021, p. 70).

Quando percebi que no lugar de terapeuta ocupacional, quando dialogando nos atendimentos com os pacientes, me deparei com a transferência, onde “se trazem para o processo psicoterapêutico necessidades antigas, primitivas, que serão retomadas na relação com o psicoterapeuta” (ANDRÉA, 2006, p.54-55). E de forma consciente, me permiti senti-los, entendê-los e adentrar na contratransferência, “sendo um mundo interno do paciente que são sentidos pelo terapeuta e como uma forma de comunicação primitiva de sentimentos” (ANDRÉA, 2006, p.55).

Quando um indivíduo negro procura um profissional também negro, acredito que o faz por identificação, julgando que o profissional, negro assim como ele, saberá ouvir e acolher melhor a sua queixa, do que um profissional branco, além de sentir reconhecido e legitimado em seu discurso (SANTOS, 2019, p. 10)

Finalizo, então, esta análise, enfatizando além do olhar antirracista e atento à pessoa negra, a importância e a potencialidade de um profissional terapeuta ocupacional negro, sensível a questão racial, em diversos campos de atuação, como necessário e crítico importante para mudanças sociais e significativas na vida de seus pacientes. Pois é compreendendo o outro, que se compreende o mundo.

A prática antirracista não limita-se a intervenções com pessoas negras, mas com todas as populações-alvo, pois a racialização da vida e a produção da desigualdade racial perpassa a vida cotidiana de todos os agentes, sejam aqueles que sofrem as violências, sejam aqueles que praticam e/ou legitimam a violência, ou aqueles que assistem. (FARIAS; JUNIOR; AMORIM, 2020, p.245)

6 CONCLUSÃO

O racismo é um mecanismo cruel, bem elaborado e com raízes fortes no histórico social do Brasil. Muitos são seus disfarces, que marcam um eurocentrismo egocêntrico e excludente. Cotidianamente ele se apresenta e se fortalece nas relações sociais e refletem significativamente nas ocupações das pessoas negras.

Entende-se que ainda se encontram lacunas na formação profissional do terapeuta ocupacional, sendo ainda de forma pontual, o debate e a investigação com o público étnico-racial, principalmente a população negra. Esse desfalque acarreta despreparo e insegurança no profissional, sendo este ponto distanciador do acesso ao usuário e da sua promoção de saúde e qualidade de vida. É de suma importância uma maior abordagem histórica na graduação e maior aprofundamento em como uma prática centrada no antirracismo, é capaz de alcançar e verdadeiramente produzir saúde e ressignificar processos de vinculação e comprometimento entre terapeuta-paciente.

Muito foi aprendido por meio das experiências, ainda mais quando ponderadas dentro da terapia ocupacional social e seu reflexo na construção de uma profissional negra, que pôde acessar a si mesma e ao outro, tendo como base em sua prática o olhar antirracista e fundamento teórico social. Uma reflexão aprofundada foi o que a fez diferente dos outros profissionais que tiveram contato com os pacientes anteriormente a sua chegada.

Conclui-se que ao compreender o sujeito negro frente a um profissional negro sensível a questão racial, enfatizando a prática antirracista, ressoa-se além da própria identificação, mas também potencializa o comprometimento do sujeito-alvo com a intervenção, resgatando o protagonismo e a autonomia, ressignificando relações sociais, garantindo igualdade e afeto, que historicamente foram-lhe incansavelmente negados e esquecidos. Discutir sobre as relações étnico-raciais, além do contexto terapêutico-ocupacional, é garantir que não se reformulem e perpetuem contextos racistas, excludentes e desumanos.

REFERÊNCIAS

- IBGE. **Características étnico-raciais da população: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça: 2008**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE. Rio de Janeiro, 2011.
- PETRUCCELLI, J. L.; SABOIA, A. L. **Características Étnico-raciais da população: Classificações e identidades**. IBGE. Rio de Janeiro, 2013.
- BRASIL. **Decreto Lei 10.639 de 2003. Presidência da República. Brasília**, DF, 09 de janeiro de 2003.
- FARIAS, M.N.; JUNIOR, J. D. L.; COSTA, I.R.B.B. Terapia Ocupacional e população negra: possibilidades para o enfrentamento do racismo e desigualdade racial. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro. v.2, n.1. p. 228, 2018.
- PASTORE, M. D.; JURDI, A. P.; SILVA, C. C. B. Crianças, saberes e ações práticas: como a Terapia Ocupacional tem dialogado com as infâncias. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.**, v. 5, n. 4, 471-474, 2021.
- Pastore, M. D. N. Infâncias, crianças e travessias: em que barcos navegamos?. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**. .29, e2797. p. 4, 2021.
- JURDI, A. P.; SILVA, C. C. B. O brincar no cotidiano familiar de crianças com transtorno do espectro autista. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.**, v. 5, n. 4, 549-562, 2021.
- GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **PDAD – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio**. Codeplan – Companhia de Planejamento do Distrito Federal. 2018.
- MOURA, Clovis. Sociologia do Negro Brasileiro. Capítulo III “Miscigenação e democracia racial: mito e realidade” (pg. 70). São Paulo: **Editora Ática**, 1988.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. **La sistematización de experiencias: práctica y teoría para otros mundos políticos** – 1ed. Bogotá: Centro Internacional de Educación y Desarrollo Humano – CINDE. Colombia, 2018.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**; tradução de: Maria Viviana V. Resende. Ministério do Meio Ambiente. 2. ed., revista. – Brasília, 2006.

PEREIRA, D. C.; RUZZI-PEREIRA, A.; PEREIRA, P. E.; TREVISAN, Érika R. Desempenho ocupacional de adolescentes de um Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPSI). **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 11-17, 2014. DOI: 10.11606/issn.2238-6149.v25i1p11-17. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/62256>. Acesso em: 13 ago. 2022.

FARIAS, M. N.; LOPES, R. E. Terapia ocupacional social, antiopressão e liberdade: considerações sobre a revolução da/na vida cotidiana. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [S. l.], v. 30, n. spe, p. e3100, 2022. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/3100>. Acesso em: 13 ago. 2022.

SANTOS, G. C. **Saúde Mental da População Negra: Relato de uma relação terapêutica entre sujeitos marcados pelo racismo**. Campinas, 2019. 37 p. Monografia (Residência Multiprofissional em Saúde Mental) - Universidade Estadual de Campinas. Documento eletrônico. Disponível em: https://www.fcm.unicamp.br/fcm/sites/default/files/2019/page/tcr_-_gabriella_da_cruz_santos.pdf. Acesso em 05 set. 2022.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Rev. psicol. polít.** São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S1519549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 11 set. 2022.

BARROS, D.D. et al. Terapia Ocupacional Social. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 13, n. 3, p. 95-103, set./dez. 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13903/15721>. Acesso em 4 dez. 2022.

REIS, T. A. M. **A Terapia Ocupacional Social: análise da produção científica do estado de São Paulo**. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Denise Dias Barros. 2008. Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências. São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5163/tde-25032009-090728/publico/tiyamreis.pdf>. Acesso em 4 dez. 2022.

FARIAS, Magno Nunes; JUNIOR, Jaime Leite; AMORIM, Sulamita Sila. Por uma formação e prática antirracista: Considerações para a Terapia Ocupacional. **Revista Chilena de Terapia Ocupacional**, Universidad de Chile. Vol. 20, Nº2, pg. 237-247, dezembro de 2020.

Disponível

em:<https://revistaterapiaocupacional.uchile.cl/index.php/RTO/article/download/54658/64082/206012>. Acesso em 14 jan 2023.

BARROS, D.D. Terapia ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 15, n. 3, p. 90-97, set./dez., 2004.

ANDRADE, A. F.; SOUSA, D.P.; VARELA, L.C; SILVA, C.R. Pertencimento e representação imagética: a negritude na universidade. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro**. 2020. v.4(6), pg. 850-857. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34249>. Acesso em: 13 jan 2023.

FERNANDES, Nathaly Cristina. Racismo na Infância: Impactos Psicológicos. In: **Congresso Internacional de Psicologia da UEM, VII**, 2018, Maringá - Paraná. Artigo, Paraná. ISSN: 1679-558X. Disponível em: https://npd.uem.br/eventos/assets/uploads/files/evt/6/trabalhos/6_14_1523805096.pdf. Acesso em: 13 jan 2023.

FOLHA, D. R. S. C.; DELLA BARBA, P. C. S. Subsídios da perspectiva ocupacional para a abordagem ao desenvolvimento infantil. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.**, v. 5, n. 4, 647-655, 2021.

CAMARGO, C.L.; ALVES, E.S.; QUIRINO, M.D. Violência contra crianças e adolescentes negros: Uma abordagem histórica. **Texto Contexto Enferm**, Artigo - Florianópolis, out-dez, 2005. Vol. 14(4), pg. 608-615.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação - Episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. 1ª Ed. Rio de Janeiro - Cobogó, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Prefácios de Maria Lúcia da Silva e Jurandir Freire Costa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

COSTA, Jurandir Freire. Prefácio a Edição original. In.: SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, pg. 34-35.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Em: **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, 1984. pp. 223-244. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509709/mod_resource/content/0/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em: 03 jan. 2023.

MARTINS, Sofia. **REPERCUSSÕES DA EXPERIÊNCIA DE RACISMO NAS OCUPAÇÕES MATERNAIS DE MULHERES NEGRAS: estratégias de enfrentamento**. 2021. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) - Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/14993/5BSofiaMartins_versaofinaltese%5D%20Repercussoes%20da%20experiencia%20do%20racismo%20nas%20ocupacoes%20maternais_estrategias%20de%20enfrentamento.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 03 jan. 2023.

ANDREA, M. A. Transferência e contratransferência: o sentir como instrumento de trabalho no processo grupal. **Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**. Jul-Dez. 2006, Vol. 7 No. 2, pg. 51-58.

SANTOS, Gabriella da Cruz. **SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO NEGRA: RELATO DE UMA RELAÇÃO TERAPÊUTICA ENTRE SUJEITOS MARCADOS PELO RACISMO**, 2019. Monografia (Especialista em Saúde Mental e Coletiva) - Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2019. Disponível em: https://www.fcm.unicamp.br/fcm/sites/default/files/2019/page/tcr_-_gabriella_da_cruz_santos.pdf. Acesso em: 20 jan. 2023.